

A ORIENTAÇÃO PARA O OUTRO: A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO ESCRITO EM CARTAS DE LEITORES DO SÉCULO XIX

Thiago Trindade MATIAS¹

RESUMO: O interesse pelo estudo da Língua Portuguesa no Brasil numa perspectiva histórica vem suscitando vários estudos diacrônicos que comprovam as mudanças lingüísticas sofridas e como essas mudanças contribuem à formação do português brasileiro. “Abandona-se” uma abordagem meramente descritiva, responsável pela identificação e alterações internas da língua, assim como sua origem latina e passam-se a ver os fenômenos lingüísticos numa abordagem externa, levando-se em consideração a sócio-história do português, ou seja, os fenômenos externos auxiliares na formação lingüística e discursiva. Sendo assim, o interesse em desvendar o papel do interlocutor na constituição do discurso escrito faz desta pesquisa material importante na construção de mais uma página da sócio-história do português brasileiro. Esta pesquisa, resultado de um projeto de mestrado, tem por objetivo investigar o papel do Outro na constituição do discurso escrito de cartas de leitores do século XIX, publicadas em periódicos recifenses. O objetivo central de nosso estudo é investigar as relações dialógicas marcadas na superfície lingüística e os efeitos de sentido resultantes dessa dialogização entre sujeito enunciador e o Outro de cartas de leitores do século XIX e como isso altera o uso da linguagem.

PALAVRAS-CHAVES: gêneros do discurso; dialogismo, heterogeneidade mostrada.

Nesta pesquisa, analisar-se-á um *corpus* diacrônico formado por uma coletânea de textos do domínio jornalístico. Trata-se de cartas de leitores publicadas na primeira metade do século XIX em cinco periódicos recifenses: o Diário de Pernambuco (1825-1850), Quotidiana Fidedigna (1834-1835), Diário Novo (1842-1852), O Capibaribe (1848-1849) e A Carranca (1845-1846).

A escolha por um *corpus* diacrônico, composto por gêneros discursivos do domínio jornalístico, deve-se à contribuição desses impressos à sócio-história do português brasileiro, pois havia uma exclusão do papel dos jornais em relação a constituição da língua portuguesa do Brasil uma vez que tais conhecimentos só eram

¹ UFPB / PROLING (Programa de Pós-graduação em Lingüística) – thiago.trindadeufpb@gmail.com.

valorizados nos textos literários. Além disso, o fato da chegada da Família Real ao Brasil e em seguida seu retorno a Portugal, propiciou a primeira fase autêntica da imprensa e conseqüentemente a possibilidade de um maior acesso a textos escritos por parte da sociedade, o que impulsionou a estabilização da língua comum. Outro motivo que nos impulsionou a tal escolha é o fato dos textos jornalísticos terem proporcionado à sociedade uma maior aquisição de informações assim como sua contribuição à formação de uma opinião pública, que até os fins do século XVIII não era constituída no Brasil. Segundo Pessoa (2003, p. 176) “ao final do século XVIII, é notório que não havia uma opinião pública brasileira”. Pois

A educação era ainda muito deficitária, os padres conheciam apenas um mau latim. A ciência política era quase que desconhecida pela totalidade da população brasileira. Não havia imprensa nem Universidade. Os elementos dinamizadores da vida social e que possibilitam a formação de uma opinião pública não existiam. (ARMITAGE *apud* PESSOA, 2003, p. 176)

Assim o nosso interesse por impressos revela-se pela contribuição desses textos à formação do que chamamos hoje de português brasileiro.

Como dissemos, o gênero discursivo escolhido foi as cartas de leitores – “tipo de correspondência de caráter público que aborda os mais variados assuntos” (PASSOS, 2003, p. 83). As cartas selecionadas para o *corpus* possuem uma regularidade: a presença de um interlocutor que configura o papel do *Outro* no cenário discursivo. Como as cartas publicadas nos periódicos tinham vários propósitos comunicativos, optamos pelas cartas cuja finalidade era *queixas* direcionadas a esse *Outro* representado por uma instituição pública ou por um civil. A escolha por cartas de

leitores justifica-se por esses textos promoveram “no século XIX práticas sociais, usos lingüísticos e estágio de desenvolvimento social da língua escrita” (FRAGA, 2005, p. 65).

A opção pelos jornais Diário de Pernambuco, Quotidiana Fidedigna, Diário Novo, O Capibaribe e A Carranca dá-se pelo motivo desses periódicos encontrarem-se num momento histórico em que se multiplicavam o número de jornais, mas também o número de leitores. Após algumas análises, selecionamos esses periódicos, pois atenderam ao nosso propósito: a presença de um terceiro participante (interlocutor indireto) na constituição do discurso escrito (em alguns periódicos não havia a seção CORRESPONDÊNCIA nem a presença de cartas de leitor). Além do mais o recorte temporal adotado justifica-se pelo momento histórico ser relevante na gênese da opinião pública e na incipiente aquisição de informações por meio de gêneros do domínio jornalístico.

Diante disso, o que nos impulsionou a fazer esta pesquisa, tendo como enfoque um *corpus* diacrônico, foi o interesse em desvendar as características lingüísticas e discursivas que fazem dos gêneros jornalísticos grandes documentos do português do Brasil, contribuindo, dessa maneira para o enriquecimento e a construção de mais uma página da sócio-história do português.

As cartas de leitores selecionadas para a nossa pesquisa possuem um *Outro* que se configura como um terceiro participante para quem o discurso é direcionado e constituído. Conforme Bakhtin (2003), no processo de interação comunicativa, no atingir a necessidade de ser compreendido, o sujeito enunciador hipotetiza um possível destinatário, o que o leva a afirmar não ser apenas um destinatário virtual, secundário, ideal, possível, mas um terceiro destinatário que “sobrevoa” o diálogo podendo

multiplicar-se em várias direções, mas mesmo assim estará presente e norteará a constituição do discurso escrito direta ou indiretamente. Sendo assim, nessa relação dialógica entre sujeito enunciador e o *Outro*, há diferenças quanto às características lingüísticas presentes no fio discursivo de cartas que tenham como interlocutor uma instituição pública e cartas que tenham como interlocutor um civil?

O discurso escrito das cartas selecionadas para o nosso *corpus* é constituído por influência do *Outro*, ou seja, do terceiro participante, havendo assim no fio discursivo formas lingüísticas detectáveis que comprovam esse direcionamento para o interlocutor, pois como afirma Authier-Revuz (2004) “no fio do discurso que, real e materialmente, um locutor *único* produz, um certo número de formas, lingüisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, *o outro*”.

A nossa hipótese é a de que cartas de leitores que têm como terceiro participante uma instituição pública possuem características lingüísticas *A*, enquanto cartas que têm um civil, como terceiro participante, possuem características *B*. Essa peculiaridade discursiva ocorre devido ao lugar sócio-ideológico ocupado pelo interlocutor (terceiro participante), mas também à visão que o sujeito enunciador tem do seu interlocutor, porque como nos mecanismos de toda formação social existem regras de projeção responsáveis por estabelecer as relações entre as situações discursivas e as posições dos diferentes participantes, a posição dos sujeitos, assim, intervém na produção discursiva. Conforme Pêcheux (1990), o lugar ocupado pelos sujeitos em interlocução é

presente, mas não transformado; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que *A* e *B* se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as *situações*

(objetivamente definíveis) e as *posições* (representações dessas situações). (PÊCHEUX, 1990, p. 82)

Diante disso, a nossa pesquisa tem por objetivo geral investigar as relações dialógicas marcadas na superfície lingüística e os efeitos de sentido resultantes dessa dialogização entre sujeito enunciador e o *Outro*, terceiro participante, de cartas de leitores do século XIX e como isso altera o uso da linguagem.

Além do mais, a pesquisa se propõe a identificar o uso de expressões lingüísticas que mantenham algum tipo de relação com a imagem que o sujeito enunciador tem do *Outro*, terceiro participante, investigar as relações de poder entre os sujeitos em interlocução e definir o contexto de interação em cartas de leitores do século XIX.

Linguagem: produto da atividade humana

É *fácil* percebermos quanto importante é o uso da linguagem como “suporte” comunicativo para as nossas interações no dia-a-dia. Diversos são os modos, diversas são as possibilidades languageiras nas quais estamos envolvidos e das quais participamos.

Mas. Fazer linguagem é *fácil*? A linguagem é algo desafiador, para não dizermos complexa. Parece ser *difícil*, quando somos incumbidos, por exemplo, de escrever um texto como este agora. O que escrever? Como escrever? O que digitar? Temos o teclado às mãos, no entanto...

Essas escolhas, essenciais às atividades lingüísticas, estruturam os nossos dizeres, organizam nossas idéias, uma vez que a seleção de palavras e a redação do texto tornam-se problemas no ato prévio da escrita. Até mesmo para o poeta havia dificuldade, é tanto que dizia imitar o ourives ao escrever, na ânsia de obter o esperado – a obra. *A linguagem é um gigantesco bloco de mármore* que precisa ser lapidado a fim de dar forma e conteúdo ao que pretendemos ser proferido.

Dentre as diversas atividades humanas, a linguagem é aquela que tem por matéria-prima a palavra. Selecionar o conjunto de palavras a ser usado é uma das etapas da comunicação verbal, o mais desafiador é relacioná-las e organizá-las em um todo coerente e lógico. Isso faz o ato de linguagem ser diferente do fazer artístico. O artista ao fazer sua obra não necessita ou não depende de regras postas por algum sistema, ou seja, há liberdade de criação. Já para fazer linguagem, o homem, *ficamos* reféns de regras, o material verbal precisa se combinar, já que há entre as palavras uma relação semântica e sintática quando postas em enunciados ou orações.

O artista não tem tantos problemas com o seu ofício, pelo menos assim parece ser. O artífice pode cortar, transpor, mudar, decompor seu material, porém o homem não pode fazer o mesmo com a palavra, não pode dar-lhe uma significação arbitrária e imprópria. As leis gramaticais, das quais o homem é prisioneiro no ato comunicativo, regulam o material verbal. Não haveria tanto entendimento, se alguém ao pedir as horas dissesse: - *por horas que são favor?* Seria considerado demente. Isso comprova o poder combinatório existente entre as palavras já que há significações no material lingüístico denotadoras de “objetos ou ações, acontecimentos ou experiência psíquica” (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1929, p. 219).

Estudar a linguagem é *fácil?* Depende das concepções, do par de óculos. Adotamos que o fenômeno linguageiro não é exclusivamente preso a estruturas ou a

regras lingüísticas. Interessar-se por linguagem, investigar linguagem é imprescindível usar o par de óculos do social. Não há possibilidade de entendê-la se fragmentarmos sua relação e o seu importante papel desempenhado nas organizações em sociedade. As maneiras de usar a linguagem são diversas, porque diversas são as atividades humanas. A sua constituição está relacionada a fatores sociais e ideológicos, as comunidades a usam em função do social. Ela surgiu por necessidades de comunicação em sociedade.

Há uma estreita relação entre ela e fatores sócio-econômicos, não podemos dizer que a linguagem surgiu por um dom divino nem presente da natureza. As suas questões estão intrinsecamente ligadas a fenômenos sociais. É interessante notar que o surgimento das classes sociais, em períodos mais distantes da sociedade, mantém contato com as relações de poder entre as tribos, no momento em que havia a dominação de uma comunidade por outra, ocorria interferências na área da semântica, uma vez que o significado, por exemplo, de alguma palavra divina para a tribo dominada passava a ser considerado ruim, mal para a tribo dominadora. A linguagem do povo vencedor se sobrepunha a do povo vencido, criando dessa forma as classes e as relações poderis. Já gramaticalmente, os fatores sócio-econômicos influenciaram o surgimento dos pronomes, das partes do discurso, que nascem da relação da propriedade tribal indicando números coletivos. Sucessivamente, com o aparecimento da propriedade privada surge a primeira pessoa do singular.

Não temos como negar que a linguagem e seus artefatos estão ligados a questões sócio-político-econômicas, são muito estreitas tais relações. Assim, podemos nos convencer de que

a linguagem não é um dom divino nem um presente da natureza. É o produto da atividade humana coletiva e revela em todos os seus elementos a organização econômica como também a organização sócio-política da sociedade que a tem gerado. (VOLOSHINOV; BAKHTIN, 1929, p. 227)

Mas para se chegar a esse posicionamento da linguagem como matéria do pensamento e veículo da comunicação, foi preciso se percorrer um longo período de estudos e investigações que delineiam as configurações que se têm hoje nos estudos lingüísticos.

Gênero do discurso: materialidade da língua (gem)

Como vimos na seção anterior, a efetiva essência da linguagem está relacionada a fenômenos sociais. Entendemos que esse valor social que há na linguagem é resultado de uma trajetória evolutiva cheia de relevâncias e inconsistências. Algo nos fica bastante claro, a linguagem como reflexo de entrecruzamentos diversos, como atividade voltada à comunicação humana é multiforme e heterogênea da mesma forma como os campos da atividade humana e os próprios usos da língua.

A língua efetua-se por meio de enunciados (orais ou escritos) que refletem as condições e as finalidades do grupo que os usa. Cada enunciado destes é concreto e individual, e possui um conteúdo temático, uma organização composicional e um estilo. Essas características estão intimamente ligadas e voltadas a que grupo social pertence cada enunciado deste, uma vez que se a linguagem se dá de maneira multiforme, os enunciados efetivos da língua também são diversos e é desta diversidade que surgem “tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Os vários campos da atividade humana possuem seus específicos gêneros discursivos, isso representa que cada uma dessas organizações sociais tem em si propósitos e finalidades comunicativas diversas. Em um estabelecimento de ensino e em

um fórum, por exemplo, não são produzidos os mesmos gêneros. Tanto a escola quanto o fórum usufruem de específicos enunciados concretos, porém estes enunciados se caracterizam por um conteúdo temático, um estilo, assim como por sua construção composicional próprios. Diante disso, podemos afirmar com toda propriedade que nossas interações comunicativas diárias se dão única e exclusivamente por meio de gêneros. Desde um simples bilhete escrito, deixado à porta da geladeira, a um texto como este escrito, por fins acadêmicos, estamos lidando com o uso da língua em forma de enunciados relativamente estáveis.

Como podemos perceber nos exemplos dados acima – o bilhete e o ensaio – é nítido afirmar que um, aparentemente, é mais simples, outro aparenta ter um nível de complexidade maior. É desta premissa que Bakhtin (2003) faz uma classificação dos gêneros do discurso em *primários* e *secundários*. Essa divisão dos gêneros não é de caráter funcional, mas imprescindível para o estudo dos fenômenos do gênero, ou seja, para investigar os gêneros do discurso é preciso levar em consideração a natureza do enunciado que deve ser descoberta, já que há uma grande e essencial diferença entre esses tipos de gênero.

Os gêneros secundários, em sua formação, incorporam e reelaboram os primários que se formam nas condições comunicativas imediatas. Para Bakhtin (2003), os gêneros secundários (complexos) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente escrito). Não se pode considerar, a partir deste ponto, que os gêneros primários, por serem mais simples, são tipicamente falados, e os secundários são escritos. Em alguns casos, isso já foi motivo de bastantes discussões, pois se acreditava que os gêneros secundários por serem mais complexos e predominantemente escritos eram melhores do

que os gêneros primários, estes por serem mais simples e resultado de condições comunicativas imediatas.

Entender a natureza do enunciado e as diversidades de formas do gênero é bastante relevante para os campos da lingüística e da filologia. Prender-se apenas à análise do material lingüístico do gênero faz o estudo dos enunciados concretos mergulharem em abstrações estruturalistas irrelevantes, como também enfraquecem as relações da língua com a vida. “Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua (BAKHTIN, 2003, p. 265)”. Certo que cada gênero possui sua materialidade, não há como negar, no entanto o seu papel na interação social entre os sujeitos, a sua relevância ideológica, sua funcionalidade comunicativa e, principalmente, sua natureza dão um novo direcionamento ao estudo dos gêneros discursivos.

Entretanto os estudos dos gêneros já passaram por alguns diferenciados tipos de análise. Nos **gêneros literários**, era destacada sua especificidade artístico-literário, suas diferenças, mas não havia a menção dos tipos de enunciados, a especificidade da materialidade lingüística não era levada em conta. Na Antiguidade, deu-se espaço aos **gêneros retóricos**, dessa vez houve uma atenção à natureza verbal desses gêneros como enunciados, no entanto, a especificidade dos gêneros retóricos encobria a sua natureza lingüística geral. Por último, estudavam-se os **gêneros discursivos do cotidiano**, contudo “esses estudos também não podiam redundar em uma definição correta da natureza universalmente lingüística do enunciado, uma vez que estava restrito à especificidade do discurso oral do dia-a-dia” (BAKHTIN, 2003, p.263).

Os gêneros discursivos são enunciados que se relacionam com uso da língua, sua formação é influenciada por fatores extralingüísticos, no entanto pode-se afirmar que os gêneros do discurso são individuais e dele pode fluir a individualidade do sujeito falante. É importante saber que nem todos os gêneros há uma transparência dessa individualidade, uma vez que sua composição é rígida e fixa que impede o sujeito de deixar rastros do seu eu, da sua forma particular de usar a língua. Mas os gêneros do domínio artístico permitem informar a individualidade, já que eles giram em torno do estilo.

O estilo individual de um gênero consiste na seleção dos elementos lingüísticos, na verdade uma seleção de itens lexicais e gramaticais direcionados ao interlocutor. Dependendo do contexto comunicativo, o uso de algumas expressões pode ser adequado ou não. Em uma petição, por exemplo, não pode haver uma “certa liberdade” no uso de determinadas expressões, a ocasião é o que faz a situação, sendo assim não só o estilo sofrerá alteração, tanto o conteúdo quanto a forma modificar-se-ão. Como afirmamos, o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional formam um gigantesco bloco sobre o qual repousam os gêneros discursivos.

Os outros elementos organizadores do gênero são o conteúdo temático e a construção composicional. O primeiro não se refere ao assunto propriamente dito, ele caracteriza-se por um domínio de sentido do qual se ocupa o gênero. O segundo é a maneira de organização e estruturação do texto. Um requerimento possui sua peculiaridade composicional, uma vez que se deve obedecer a certos princípios formais que direcionam a produção do gênero; uma carta pessoal apresenta-se por um gênero mais usual, mesmo assim possui suas particularidades composicionais, como por exemplo: cabeçalho, vocativo, assinatura entre outros.

Neste momento, a teoria dos gêneros ocupa um grande espaço de repercussão, por exemplo, na escola não se fala em outra coisa, para se tornar contemporâneo no ensino de língua é preciso trabalhar em sala de aula com os gêneros. No entanto é preciso levar em consideração que um trabalho com gêneros não se dá apenas pela análise de sua estrutura composicional, pois, se assim fosse, permaneceria (ou permanece) um ensino de normas, assim como se ensina a gramática normativa. Deve-se lembrar que os elementos organizadores dos gêneros discursivos não inseparáveis, e ainda mais, na teoria bakhtiniana não há espaço para teorização dos gêneros, porque não se leva em consideração o produto, mas sim os processos que antecedem e sucedem sua produção. Como dissemos, o que importa é a relação intrínseca mantida entre linguagem e as atividades humanas. Há uma relação recíproca entre linguagem e vida social, porquanto “a linguagem penetra na vida por meio dos enunciados concretos e, ao mesmo tempo, pelos enunciados a vida se introduz na linguagem” (FIORIN, 2006, p. 61). A relação dos gêneros com os fatores extralingüísticos, sociais, é importante para a sua análise, pois.

Por isso um trabalho com os gêneros do discurso deve-se levar em consideração sua natureza, sua relação com fatores extralingüísticos, a funcionalidade e o papel comunicativo que desempenham nos campos da atividade humana, não havendo essas considerações, será difícil “superar concepções simplificadas da vida do discurso”.

Outro: participante na constituição do discurso

Empreender um estudo voltado para a interação, é como vimos anteriormente, requer ver a linguagem como uma relação entre pontos distintos, que se tornam únicos. A linguagem como produto sócio-histórico, como forma de interação social realizada por meio de enunciações permite vislumbrar uma pesquisa que não se direcione exclusivamente à estrutura, mas que se preocupe com o uso e com a participação dos interlocutores no processo comunicativo; que haja resposta para as indagações: Quem disse? Por que disse? De onde disse? Por que disse de uma maneira e não de outra? Ou seja, formas de se analisar e encarar a produção lingüística de uma maneira mais consciente e comprometedora.

Comprometer-se é definir o ato comunicativo como interacional, pois nenhum ato enunciativo deixa de pressupor um outro, o qual, inclusive, é enfatizado pelo caráter dialógico da linguagem proposto por Bakhtin. Segundo Barros

deve-se observar em primeiro lugar que se a concepção de linguagem de Bakhtin é dialógica, se a ciência humana tem método e objeto dialógicos, também suas idéias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio dialógico. A alteridade define o ser humano, pois o **outro** é imprescindível para sua concepção: é impossível pensar no homem fora das relações que o ligam ao outro.

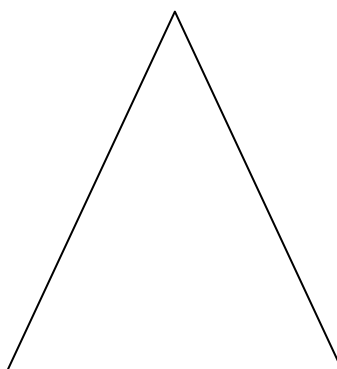
Disso, conclui-se que a enunciação é dialógica por ter uma orientação social, ou seja, para o outro, e porque sua compreensão depende de formulações ativas de resposta e por ser essencialmente polifônico. Não há enunciação se não houver um

direcionamento para o outro: nossas atividades linguageiras são constituídas pela presença desse outro, ou melhor, são direcionadas ao outro, resultando, em alguns momentos, no apagamento do sujeito enunciador. Bronckart (1999, p. 95) explica que, muito freqüentemente, um texto mobilize vozes “outras”, às quais é atribuída a responsabilidade do que é expresso.

Para Garcez (1998, p. 60), essa orientação da palavra, em função do interlocutor e da cadeia dialógica sócio-histórica, exige um desdobramento conceitual ao qual Bakhtin não se recusa: a questão do destinatário. Os **Outros**, consoante Bakhtin, não são ouvintes passivos, no entanto participam ativamente da comunicação verbal.

Nesse processo de interação comunicativa, no atingir a necessidade de ser compreendido, o sujeito enunciador hipotetiza um possível destinatário, o que Bakhtin afirma não ser apenas um destinatário virtual, secundário, ideal, possível, mas um terceiro destinatário que “sobrevoa” o diálogo. Partindo do exposto, Bakhtin organiza o diálogo em uma estrutura triangular mostrada abaixo².

Sujeito enunciador



Destinatário virtual

Destinatário superior

² As posições acima mostradas não são ocupadas por indivíduos, mas podem ser ocupadas por entidades variáveis em substância e em número (GARCEZ, 1998).

Para Bakhtin (1953/2003, p. 332-333)

Compreender é, necessariamente, tornar-se o terceiro num diálogo, mas a posição dialógica, deste terceiro é uma posição muito específica. O enunciado tem sempre um destinatário (com características variáveis, ele pode ser mais ou menos próximo, concreto, percebido com maior ou menor consciência), de quem o autor da produção verbal espera e presume uma compreensão responsiva. Este destinatário é o segundo (mais uma vez não no sentido aritmético). Porém, afora esse destinatário (o segundo), o autor do enunciado, de modo mais ou menos consciente, pressupõe um superdestinatário superior (o terceiro). O terceiro em questão não tem nada de místico ou de metafísico (ainda que possa assumir tal expressão em certas percepções do mundo). Ele é o momento constitutivo do todo do enunciado e, numa análise mais profunda, pode ser descoberto.

Sendo assim, o **Outro** na cadeia dialógica desempenha vários papéis³:

- É parceiro no diálogo (mesmo a distância), e assim determina sua configuração;
- Permite que o *eu* se constitua como enunciador e compreenda sua própria enunciação, a partir da possibilidade de compreensão do outro;
- É fornecedor da matéria-prima do discurso: qualquer discurso tem na sua origem outras palavras e outras vozes que não apenas a do locutor.

Ao escrever, não se tem como objetivo unicamente um leitor particular, mas as representações de leitor e autor com as quais o sujeito enunciador gostaria de se identificar. Assim, o terceiro destinatário ou terceiro leitor pode multiplicar-se em várias

³ Garcez (1998, p. 62).

direções, mas mesmo assim estará presente e norteará a constituição do discurso escrito direta ou indiretamente.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa é descritiva de cunho teórico-empírico, utiliza-se como instrumento de coleta de dados uma análise documental e bibliográfica, predominantemente de abordagem qualitativa. O *corpus*, constituído de 30 cartas de leitor, foi selecionado a partir de uma coletânea de textos publicados em cinco periódicos recifenses, no período de 1825 a 1850, a saber: o Diário de Pernambuco (1825-1850), Quotidiana Fidedigna (1834-1835), Diário Novo (1842-1852), O Capibaribe (1848-1849) e A Carranca (1845-1846). Os textos selecionados desses periódicos têm como interlocutor a figura de um *Outro* representado por uma instituição pública ou um civil, esses impressos possuem um “*interlocutor direto*”, o *Redactor* ou *Edictor*, como aparece explicitamente nos jornais, no entanto o discurso é direcionado a este *Outro* que se configura como um terceiro presente no fio discursivo.

Como as cartas de leitores possuíam diversos assuntos, optamos pelas cartas de *queixas* as quais direcionam a denúncia ou o protesto de indignação ao terceiro participante como atitude avessa a um acontecimento ocorrido na época.

Primeiramente o *corpus* passou por uma prévia análise a qual denominamos CATEGORIZAÇÃO INFORMACIONAL DO GÊNERO. Os dados adquiridos dessa análise inicial contribuíram para organizar o *corpus* em sua regularidade: 1. a

identificação do sujeito enunciador; 2. a presença do interlocutor indireto, este que é o *Redactor* ou *Edictor* do texto; 3. a figura do *Outro* (este deveria ocupar o lugar social de um civil ou uma instituição pública) como terceiro no fio discursivo; 4. a identificação do conteúdo temático – queixas e denúncias.

Após essa catalogação prévia, baseados na concepção de formações imaginárias de Pêcheux (1990), identificaremos a visão que os sujeitos mantêm um do outro na interlocução. Esta etapa leva em consideração as posições discursivas ocupadas por cada elemento constituinte do processo comunicativo do corpus: cartas de leitores do século XIX publicados na primeira metade do século XIX. Agruparemos os sujeitos em dois grupos de formação imaginária: formação imaginária de A, representado pelos sujeitos enunciadore; formação imaginária de B, representada pela figura do terceiro participante (interlocutor indireto). Neste momento, o que nos interessa são as formações imaginárias de A, a seqüência verbal emitida por A em direção a B e, conseqüentemente, os efeitos de sentido resultantes desses posicionamentos sócio-ideológicos a fim de identificar possíveis alterações na materialidade lingüística e a intervenção dessas formações imaginárias na produção discursiva das cartas.

Identificados os lugares sócio-ideológicos dos sujeitos em interlocução, faz-se necessário uma análise dos efeitos de sentido resultantes do processo interativo.

Estudados os pontos anteriores, resta a identificação das marcas enunciativas, das formas lingüísticas detectáveis que comprovam a presença do discurso do outro. Adotaremos a proposta teórica de Jacqueline Authier-Revuz (2004) da descrição das formas da heterogeneidade mostrada no discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. 2ª ed. São Paulo, Martins Fontes, 1953/2003.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

FRAGA, Rose Mary. O envolvimento na linguagem jornalística do século XIX – Cartas de leitores. In: PESSOA, Marlos de Barros (org). **Língua, texto e história**: manuscritos e impressos na história do português brasileiro. Recife: Programa de Pós-graduação da UFPE, 2005.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **A escrita e o outro**: os modos de participação na construção do texto. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

PASSOS, Cleide Maria Teixeira Veloso dos. As Cartas do Leitor nas revistas Nova Escola e Educação. In: Dionísio, ÂNGELA Paiva; BESERRA, Normanda da Silva (orgs). **Tecendo textos**, Construindo Experiências. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. A propósito da Análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Unicamp, 1990.

PESSOA, Marlos de Barros (org). **A formação de uma variedade e semioralidade na primeira metade do século XIX**. O caso do Recife, Brasil, *Tübingem. Dissertation*, 1997.

PESSOA, Marlos de Barros (org). **Língua, texto e história**: manuscritos e impressos na história do português brasileiro. Recife: Programa de Pós-graduação da UFPE, 2005.

VOLOSHINOV, V. N. /BAKHTIN, M. M. (1929) “Qué es el lenguaje?” in Silvestri, A. e Blanck, G. **Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia**. Barcelona, Anthropos, 1993.